

## ***Episódio 2***

Continuando a pequena aventura dele... minha... bem, você já entendeu até aqui como tudo está funcionando, certo? Enfim. Cael ficou dando seu rolê na cidade de Briarchester, vimos um pouco de pelo menos 2 dos personagens que serão recorrentes... mas ainda tem mais! Acha que acabou? Que nada, ainda tenho outros seres para apresentar, pequenas histórias para se acompanhar, sejam interessantes ou não.

Mas vamos retomar, porém, antes de revermos Cael, ainda vai aparecer alguém novo, alguém de fora...

### ***Parte 0 - O que vem de fora***

Após o dia anterior, onde vimos Cael andando pela cidade, curioso com a tecnologia que a sociedade conseguiu alcançar sem se autodestruir, pelo menos não ainda, este mesmo ser universal estava andando agora nos limites de Oestemira, onde mais alguns quilômetros ele chegava em Brandênia\*.

\* Brandênia: Alemanha fictícia aqui nesse mundo.

O caminho que ele andava, saía de uma floresta que tinha um caminho feito por ali, como se fosse uma trilha já planejada por outras pessoas, e que dava em um campo aberto, onde a cidade mais próxima ainda não dava para ver. Pelo menos, ainda dava para apreciar a paisagem verde, sentir o ar puro longe da fumaça da cidade grande cheia de neon e megaprédios anunciando todo tipo de barbaridade.

Mas o foco agora não era Cael, e sim algo que estava... caindo do céu? Parece que um objeto voador, parecido com uma pequena nave, estava caindo com uma velocidade alta diretamente em um campo aberto. Claro, já tinha atravessado a mesosfera, então sua queda era marcada pelo fogo ao redor da pequena nave. Não precisou esperar nem 1 minuto direito, a nave... caiu no chão, fazendo um rastro de quase 10 metros do centro de sua queda. E Cael? Ele estava longe suficiente para nem ter ouvido o som do impacto da nave no chão. Então, voltando para a nave...

Ela, por incrível que pareça, ficou quase inteira. Mas a lateral ficou danificada, e agora podemos imaginar ela melhor. Era uma nave pequena muito parecida com o que chamamos de "ônibus espacial", mas em escala bem menor e com arquitetura lembrando as estéticas steampunk misturando um futurismo. A porta lateral se abre, e uma... criatura? Não, parece uma gosma líquida escorrendo para fora, parecendo gelatinosa e toda azul. Ah, espere, agora a gosma está tomando forma depois de ter saído completamente de dentro, assumindo uma forma antropomorfizada de uma espécie genérica canídea, bem parecida com as espécies da Terra, mas claramente tem algo diferente nessa criatura.

Ela depois de assumir sua forma, observa sua própria nave caída, olhando ao redor. A criatura não sabia o que analisar primeiro, se olhava o ambiente que ela caiu, ou via sua nave se ainda estava funcionando de alguma forma. Mas, pelo visto, ela decidiu analisar sua nave no estado atual.

Alguns arranhões na parte de onde saiu, a direita, mas a parte que estava para o chão, a esquerda, estava arrancada, e pelo jeito não iria voltar a voar. Ou iria, mas seria totalmente não recomendado nessas condições. Mas agora, ela decide dar atenção ao seu arredor. Uma coisa que a criatura percebeu, é que o sol não afetava ela, o que era algo bom, significava que não era prejudicial para sua espécie, e dava um sentimento confortável na sua “pele” gelatinosa, que ela ficava olhando e virando as mãos para olhar como a luz solar refletia. Depois, a criatura começa a olhar o ambiente em si, a vegetação era desconhecida para ela, algo que definitivamente vai dar uma estudada depois, incluindo o solo onde pisa, que estava pisando em cima da terra do buraco aberto, mas andando um pouco mais, a grama deu um pequeno susto na criatura que deu um pulinho, mas logo ficou tranquila indo devagar.

Bom, ela sabia que ficar parada ali era perigoso por que não sabia o que teria ali, se teria criaturas hostis, ou alguma autoridade que não iria gostar de invasores. Então a criatura entrou na sua nave para buscar uns gadgets, como um tablet esquisito translucido que era apenas uma coisinha redonda que projetava, era algo bem difícil de explicar o funcionamento, literalmente de outro mundo... Ahem, depois tinha pego uma pequena pinça para amostras da vegetação, e um gadget maluco pequeno que era multifunção, mas não sabemos ainda tudo que faz, mas confie em mim, já vi de tudo sobre tecnologias de outras espécies para saber que isso funciona do jeito que a criatura quiser.

Depois de reunir o que precisava, a criatura encolhe a nave, pois sim, existia essa opção, e agora ela tinha uma nave portátil para futuramente achar um lugar mais seguro e escondido e tentar consertar. E antes de seguir qualquer caminho, ela liga o tablet bizarro. Primeiro ela ia conferir o resumo do que teria que fazer, por que sim, ela já foi designada para ir à Terra, uma pena que sua entrada não foi muito confortável nem segura. Lendo seu resumo, o qual vou traduzir aqui por causa do idioma alienígena, era basicamente que a tarefa era estudar o planeta. Sua atmosfera, solo, vegetação e se possível, civilização. Uma tarefa simples, se não tivesse caído no interior, no meio do nada em um campo aberto. Mas isso, ela anota no “diário”, já registrando seus primeiros minutos na Terra.

Antes de ver o que ela fará mais de interessante, ela vai também medir algumas coisas. Como anotar o nível de oxigênio nessa parte que ela parou, temperatura média, pressão atmosférica... Tudo isso, enquanto caminhava despreocupada, sem rumo. Até que durante sua caminhada no planeta desconhecido, a criatura avista outra criatura mais longe, que estava observando uma árvore grande.

Era uma criatura com cabelo e cauda muito chamativas, parecendo uma galáxia— ah, espera aí... Quem diria que é Cael de novo. O que ele, ou melhor, eu estou fazendo ali parado olhando para a árvore? Simples, observando as frutas daquela árvore. Curioso como uma árvore assim solitária estaria dando frutos, o mais curioso é que ela lembra uma fruta de uma iteração passada do universo. Uma fruta em formato de estrela com uma coloração roxa e azul, no qual o sabor que Cael se lembra era algo parecido com que uma espécie de ainda outra iteração chamada “humanos” diziam que era algodão doce.

A criatura olhava, ela não sabia se era hostil ou não, pois a regra universal é que se algo que é vivo e é colorido, é por que é perigoso. Mas no debate interno, Cael se virou e notou a criatura observando ele. Cael deu um sorrisinho de canto, e acenou. A criatura entendeu o sinal como algo pacífico, isso vindo da espécie dela, mas aparentemente é um gesto universal. Mas será que Cael notou que essa criatura era... diferente?

Enfim, ela se aproximou dele, e Cael já puxou o papo.

“Então... você não parece daqui. É meio... Azul demais.” Cael comenta inclinando a cabeça.

“██████████!” a criatura falou, fazendo sons estranhos, e com uma expressão levemente ofendida.

E claro, vocês não vão entender o que ela disse, o nível de linguagem e sons é além do que se consegue compreender, e não tenho como traduzir... mas não se preocupem, será dito através das minhas respostas, mas... Continuando nossa conversa.

“Calma, eu não quis soar preconceituoso... apenas, achei curioso. Já vi diferentes de vocês de outras iterações.”

“██████████?”

“Se eu entrei em contato com sua espécie? Não. Nunca falei diretamente, mas eles eram diferentes, apenas... observei.” Cael cruza os braços.

A criatura põe a mão no queixo, pensando um pouco mais no que dizer, antes de Cael completar.

“Além disso, apenas agora estou intrigado em aparecer assim. E justo quando decido, vocês decidem visitar a Terra...”

“██████████? ██████████?”



“Calma, minha querida! Tamo quase lá, de acordo com o mapa, o moinho fica daqui uns minutinhos.” Niko guiava o caminho com entusiasmo, olhando o mapa pelo seu celular.

“O que tanto tem nesse moinho, hein?” Felicie parava de caminhar, cruzando os braços e olhando para Niko. “Tipo, não deve ter merda nenhuma lá de interessante.”

Niko se vira, com um pequeno sorriso.

“Tem sim, eu gosto que é um ponto meio alto pra ficar observando. Tu que é uma chata do cacete.” Elu ri.

“Eu?! Chata?” Felicie solta uma risada sarcástica. “Não fode. Eu sou a pessoa mais legal que tu conhece.”

“Então se você é tão legal assim que você diz, venha. Eu já falei que a gente tá quase, quando chegar, tu pode descansar lá.” Elu se vira, e continua andando, ainda com sua energia.

Os dois caminham em direção ao moinho que Niko tinha marcado, e pelo jeito, Felicie é aquelas amigas que cede e é arrastada para aventuras pelo seu duo. E realmente, ela faz mais isso por que gosta muito de Niko, do contrário, ela mandaria elu tomar naquele lugar só de ter dado a ideia de caminhar até fora da área da cidade, principalmente por que estava fazendo calor.

Não deu muito tempo mesmo, então realmente, Niko tinha a razão, deu quase 5 minutos e já era possível ver o moinho mais de perto. Era um estilo mais germânico de arquitetura (bem, o germânico do seu mundo real aí), com a madeira já sem cor, as duas janelas virada para o mesmo lado das hastes, e já é possível saber que era do tipo de moinho alto, aquele que tem outro andar.

E por que eles estão indo lá? Simples, Niko mesmo disse que era para uma boa vista. As vezes elu gosta de ter um momento para apreciar a paisagem por mais que sua personalidade parece não condizer com esse comportamento. E também tem outro motivo, mas que elu não contou ainda para Felicie.

“Caralho, Niko... tu tinha que escolher um dia quente também?” Felicia quase se arrastando seguindo Niko atrás, derretendo de calor.

Niko pega um pequeno guarda sol de dentro de sua mochila, e joga para Felicie.

“Toma.”

Felicia pega o guarda sol no ar.

“Valeu.” Ela abre, não vai magicamente refrescar, mas pelo menos vai parar de pegar sol no rosto. Embora, eles estejam quase chegando... Meio inconsistente este roteiro, não?

E ela continua a falar.

“Mas é justamente pelo calor que tu tá com a corda toda né. Maníaco sangue frio.” Ela dá um sorrisinho de canto com um riso curto sarcástico.

Niko dá uma risada leve.

“Fazer o que?” Elu dá de ombros. “Mas não é as mil maravilhas ser metade uma coisa e ser metade outra...”

Felicie muda um pouco o tom de voz, para mais tranquilo.

“Ei, calma, eu não quis dizer-”

Niko a interrompe.

“Relaxa, Fel.” Elu se vira e sorri. “Eu entendi, nem esquentá.”

Niko se vira, agora, eles estão de frente ao moinho, com as hastes girando devagar, e a sombra cobrindo a pequena área florida ao redor.

“Chegamos!”

Felicie suspira.

“Uuuugh... Finalmente. Mais um pouco eu ia virar sopa.”

“Mas tu não virou, é o que importa.”

Felicie revira os olhos, enquanto Niko nem espera e já vai entrando na porta. Isso se ela não estivesse velha e quase emperrada. Mesmo que o moinho esteja “largado” e fazem pouca manutenção dele, ainda está ali de pé. Com sorte, Niko tem força suficiente para puxar a porta e desemperrar ela. E eles entram.

Como é pouco visitado, por dentro já estava empeirado, e essa porta já era direto a escadaria de madeira para subi para a parte de cima, que era o interesse de Niko.

“Credo, parece que não visitam aqui desde a revolução industrial.” Comenta Niko.

“Vai me contar por que escolheu vir nesse moinho, não?” Felicia pergunta, seguindo Niko pelas escadas.

Subindo as escadas, com o barulho de seus passos subindo e a madeira velha rangendo, Niko espera um momento para responder até chegar na segunda parte. Ali, era todo empoeirado, faltava apenas passar um espanador... Mentira, tava com tanto pó que quase criava outro ser vivo ali, sorte minha que sou apenas um ser cósmico e não pode atacar rinite com isso.

Enfim. Niko abre a porta do segundo andar, vendo a poeira toda, e a abertura que antes era uma janela fazia o sol entrar. Ainda era de tarde, então pegava bastante luz solar, e mesmo com o clima levemente abafado lá fora, ali dentro estava um pouco mais fresco. Além da poeira, claro, havia algumas estantes com livros velhos, uma mesa que parecia ser usada para tomar um bom café, e até mesmo tinha uma pia funcional. Provavelmente, alguém ficava aqui neste moinho para cuidar de alguma coisa, afinal, quem desconfia de um moinho?

Mas agora, Niko finalmente responde.

“Aqui é mais calmo, apenas isso.” Elu se senta, passando a mão em uma cadeira velha para tirar a poeira, e tirando um laptop da sua mochila.

“Só isso?” Felicie ergue uma sobrancelha. “Achei que tu queria fazer mais uma daquelas explorações urbanas que você adora me arrastar.”

Niko abre um pequeno sorriso, e levanta a cabeça olhando para Felicie.

“Também.” Niko dá uma olhada na abertura da janela. “Na real que este moinho específico tem um segredo.” Elu se levanta, parecia procurar por algo.

“Hm? Como assim, Niko?” Ela se encosta na parede. “Desde quando tu virou a porra de um caçador de mistério ou... sei lá?”

Niko batia de leve na parede do outro lado, para tentar achar um ponto oco.

“...Você sabe da minha origem, certo? Eu te contei.”

“Sim... Eu sei. O quê que tem?”

Niko acha uma parte pequena oca, que soltava, revelando uma espécie de maçaneta improvisada, que puxando, mostrava atrás um rack antigo de equipamentos de comunicação. Equipamentos cheios de botões de girar, achatados todos organizados, estes equipamentos incluíam transceptor de banda profunda, um módulo para captar frequências desconhecidas que parecia algo mais improvisado e

um terminal de satélite, o qual já parecia ter um cabo coaxial plugado na parte traseira. Que nesse caso, o cabo coaxial estava plugado em um equipamento menor com outros cabos saindo, provavelmente um controlador de antena, decodificador, sei lá o quê, também não sou muito nerd nessas coisas, Niko que é.

Niko começa a tentar ligar algum deles, enquanto Felicie se aproxima.

“De- De onde veio isso tudo? Como você sabe disso?” Ela falava meio surpresa, mas nem tanto por que conhecia muito bem Niko.

“Por causa do meu pai. Esses dias ele me contou a história de antes dele decidir viajar espaço a fora, e me falou desse lugar aqui. Mas não sabia que era real.”

“Tu achou que ele tava te zoando ou algo assim?”

“Uhum. Ele vem com as piadas merdas dele.” Niko ri um pouco. “Mas dessa vez ele falou a verdade, e tudo isso... ele não me ensinou diretamente a usar, mas me deu até manual e tudo.”

Felicie vê de mais perto, um dos equipamentos já estava ligado, mas ocioso. Era o transceptor, e o terminal pequeno dele já indicava que a antena estava conectada. Ou seja, ela funcionava, mas não estava apontada para o nada.

“E... o que você pretende?”

“Eu não contei pra ele que tava indo aqui ou o que quero fazer. Mas vou falar pra ti.” Niko pega seu laptop deixando num espaço vazio do rack, conectando com adaptador na saída externa no transceptor. “Quero tentar me comunicar com o planeta da minha mãe.”

Felicie arregala os olhos, não por surpresa, mas de dúvida.

“Comunicar? Tu acha mesmo que isso dá certo?”

“Se meu pai conseguiu anos atrás, o que me impede?”

“O tempo, dã?” Felicie solta um riso curto. “Me impressiona que tudo esteja anda funcionando, sim. Mas, duvido que ainda vá captar alguma merda depois de todo esse tempo.”

Niko dá uma olhada para Felicie.

“Não custa tentar.”

“Niko, olha...” Ela suspira. “Eu imagino que tu queira saber mais da sua origem, mas, acha mesmo que vai conseguir pegar algo? Sério, olha a idade desse troço.”

Niko se vira para o laptop, abrindo algum programa que ele mesmo desenvolveu para decodificar possíveis padrões de som, caso ele receber.

“Eu preciso tentar, Fel. Sabe? Não me sentir tão só nessa.”

“Mas você não está sozinho, porra! Eu estou aqui contigo.”

Niko olha para os olhos de Felicie.

“Não é você que todo dia se questiona onde realmente pertence, ou o que realmente é. Que lida com peculiaridades do próprio corpo sendo sangue-frio por causa da metade de uma espécie extraterrestre e todo mundo te olhar estranho.” Niko ergue um pouco o tom. “Você não foi excluída das coisas por ser tão diferente! Muito menos teve alguém que mentiu a vida toda sobre você mesma, e era justamente a pessoa mais importante da sua vida!”

Felicie fica quieta, desviando o olhar, enquanto Niko respira, e suspira.

“Tá... foi mal, Fel.”

“Não, tá tudo bem, Niko. Isso é algo que eu não tenho como entender mesmo.”

Os dois ficam em silêncio, enquanto o restante do equipamento trabalhava. Simplesmente, o sintonizador pequeno alinhava automaticamente a antena, que mostrava no display a posição e a qual satélite estava tentando se comunicar.

“Hm?” Niko se vira para o terminal do transceptor.

Ele recebia uns sinais de algo muito distante, em pequenos pulsos e padrões variados. Rapidamente, Niko abre o programa que desenvolveu, para captar esse sinal e transformar em texto. Mas era audível pelo menos, mas bem baixo.

Niko dá umas risadas, mais por que ele estava certo.

“...Isso! Eu sabia que essa porra estava funcionando!”

“O que?” Felicie fica mais perto.

“Olha!”

Niko vira a tela para Felicie olhar. A captação de sinal não era perfeita, muito menos

se a origem daquilo era de onde Niko achava que seria, mas a saída dava alguns pontos e símbolos aleatórios, outras palavras coerentes, que pareciam estar buscando por algo, mas era um pouco difícil decifrar totalmente, pois o sinal não era muito forte.

“Eu sabia que eu ia conseguir algo!”

Felicie sorri.

“Heh, que bom, Niko. Mas o que seria tudo isso?”

“Bom... Não sei exatamente, mas eles parecem estar atrás de alguma coisa, mas tá difícil decifrar, esse programinha que fiz é muito experimental...”

“Mas só de pegar algo, já é impressionante pra caralho.”

“Realmente... Bom, vamos deixar aí, vai que pegue mais coisas.”

Os dois se afastam, e aproveitam para ajeitar o lugar, já que vão ficar por um tempinho até terem uma mensagem mais completa. Enquanto arrumam, Felicie dava olhares e ali em Niko, até que Niko decide encarar ela de volta.

“Você tá fazendo aquilo de novo, né?” Felicie termina de botar uma cadeira no lugar.

“Isso o que?” Niko sorri, fingindo.

“Tá me lendo.” Ela ri um pouco.

“Eu? Te lendo?” Elu põe a mão no peito fingindo estar ofendido. E ri um pouco depois. “Sabe que não me importo né?”

“Você não sabe de nada!” Ela desconversa.

“Vamos lá, vem!” Niko abre os braços.

“Ugh, porra... Tá bom, tá bom.” Felicia se aproxima de Niko, e abraça ele com vontade levantando ele do chão. E Niko devolve o abraço.

“Viu, tu tem uma vantagem de ser alta.”

“Vai se foder!” Ela continua abraçando, e dando umas giradas. Até que ela olha algo pela janela, caminhando no campo aberto. “Ei, Niko, que é aquilo lá?” Ela põe Niko no chão de volta, e se aproxima da janela.

“Hein?” Niko também chega junto, para saber o que é.

“Olha lá, tem uma coisa azul andando por aí... que merda é aquela?”

Niko tenta focar onde ela apontava, e ele viu a figura andando, lembrando muito uma forma canina mas toda azul e alta, parecendo andar sem muita direção. Mas espera? Forma canina e azul? Não pode ser..

“Ah mas nem fodendo.” Niko falava baixo, parece que nem ele acreditava no que apareceu ali.

### *Parte 2 - Mas que fria*

Mas, eu odeio fazer cliffhangers, mas aqui é necessário para não saturar demais a história né? Precisamos ver por onde eu estou, ou Cael... Ah, por que eu ainda tento explicar?

Bom, neste ponto, enquanto nosso alien e nosso duo estavam nas duas vidas, Cael estava em um lugar... inesperado. Ele estava no polo sul do planeta, e para que? Só estava dando uma olhada.

Cael estava de pé, olhando para uma muralha alta de gelo, analisando um pouco, e lembrando de como em cada iteração, a Terra teve diferentes tipos de formação glacial tanto no polo sul quanto no polo norte, e aqui ele não sabia que ainda chamavam de Antártida igual ao universo anterior. Ele não sentia frio, mas ele sabia que pelo menos, a região era mais cuidada em comparação com outras visitas.

Enquanto o vento nevado vinha chegando, uma figura se aproximava de Cael.

“Uh... quem é você? E como está aqui sem congelar?”

Era uma pinguim, todo arrumado, sem muita pretensão que estava só passeando por ali. Cael se vira.

“Ah, e aí. Pode me chamar de Cael, só estou de passagem. Gostei do lugar, hein? Cuidando bem dele.”

“Eu sou Oswald... E como que você não tá congelando? Você é um... furão.”

“Ah, eu não sinto frio. E furão é só mais uma das minhas formas.”

“Formas?” Oswald inclina a cabeça. “Tá falando do que, cara?”

“Ah você é mas um desses. Sou o universo em si. E nem adianta duvidar, tu tá vendo eu mesmo aqui parado sem sentir frio, nem espirrei.”

“Olha...” Oswald olha para a vastidão de todos os lados para pensar. “É. Para alguém ficar aqui do jeito que você está sem nem congelar ou morrer de hipotermia, com certeza normal ou daqui que não é.”

Cael ri, e começa a andar na direção do vento que estava vindo.

“Parece que estou de saída, vem vindo uma nevasca por aí.”

“E você está indo em direção a ela?!” Oswald grita.

Mas, sem resposta, Cael de novo sumiu como de costume, deixando o coitado no vácuo.

Mas bem, temos mais ainda para ver, mas em outro episódio. Quem sabe, o próximo não tenha um foco maior em Cael? Como um ser cósmico passearia pela Terra e interage melhor com o mundo tirando essas pequenas visões pequenas dele? Ainda será respondido, só ser paciente, por que talvez eu demore.

*Fim do EP-2.*